

LUCIANA GAMA

**Crítica e  
poesia**

**em**

***Intervenções***

**de Luiz**

**Costa Lima**

**LUCIANA GAMA**  
é professora de Literatura  
Brasileira na Universidade  
Estadual do Sul da Bahia.

*Intervenções*, de Luiz  
Costa Lima, São Paulo,  
Edusp, 2002.



Intervenções. Não é só na acuidade com que os artigos estão dispostos no recente livro de Luiz Costa Lima que podemos assimilar as teorias que sobrepujam as análises críticas que o autor faz de novos ou antigos livros de poesia e prosa. Já no título encontramos o movimento singular que volta a redimensionar o Costa Lima de sempre: o voluntarismo intelectual com que permeia sua postura crítica para com os leitores das suas obras.

Em Costa Lima tudo é plural. Aos afeiçoados e contumazes leitores dos seus outros dezesseis títulos e mais as quatro traduções, *Intervenções* chega não só com a dose costumeira de respeito teórico com que o autor desenrola suas hipóteses, mas com um diferencial que também percorre cada novo livro, ou seja, a despeito de o nome “Luiz Costa Lima” possuir o capital simbólico de seriedade, competência e compromisso intelectual, voltamos a encontrar aquele que pode ser o mesmo ou não. Não ser o mesmo, ou ser. Não tanto faz, não. Ele, como sabemos, que já tanto fez, continua o mesmo do seu tanto fazer: crítica – leia-se reflexão literária.

Embora, segundo a “Introdução”, haja somente um texto teórico, “Poesia e Experiência Estética”, estão também subjacentes as argumentações sobre crítica literária que articulam seu pensamento mescladas em artigos como, por exemplo, “João Cabral: Poeta Crítico”.

Analisando a idéia em “Poesia e Composição” onde, segundo Cabral, o roman-

tismo é o responsável pelo culto ou egoidade do poeta que prejudica os “aspectos propriamente artísticos da poesia”, Costa Lima aponta que:

“O poeta que admira seu umbigo, que escreve sob estado de possessão, que privilegia a experiência como pessoal, que entrega pois o poema como *testemunho* do que viveu e não como um trabalho artesanal e impessoal sobre uma certa materialidade, abdica e abjura do espírito crítico”.

Opta também por um critério que mostre, *em estado nascente*, a intensa relação do poeta com o crítico e, na seqüência, como a proposta da poesia crítica de Cabral não se contrapõe com o romantismo primeiro e não crítico de Novalis e Schlegel:

“Como Cabral virá a repropô-la, a crítica está dentro da *poiesis*. Seu ataque ao romantismo paradoxalmente ajuda a recuperar um dos lados mais fecundos do primeiro romantismo, fecundidade que se perdera bem antes da propagação da poética romântica”.

Constantemente preocupado com o exercício da crítica contemporânea que, como sabemos, raramente se expande ou mergulha em poetas que respiram e após as análises sobre Bandeira, Cabral e Murilo Mendes, Costa Lima debruça-se em Duda Machado, Dora Ribeiro, Ronaldo Brito, Carlito Azevedo, Paulo Henriques Britto, Sebastião Uchoa Leite, Frederico Barbosa.

Nesse sentido, o artigo antecedente aos citados poetas, “Abstração e Visualidade”, é exordial já que faz uma reflexão, pouco comum, da poesia das décadas de 70 e 80, apontando como o desbunde caducou e como as mudanças poéticas afetam a relação com o legado modernista. Sem ingenuidades:

“Mas mudança continua frágil. Nada garante sequer que os poetas que vemos como promessas continuem a produzir. Ou a produzir com qualidade. Pois, se o sistema intelectual é amorfo, a sociedade é arraigada em seus hábitos. No caso, de pouca leitura”.

Noesteio teórico, Sebastião Uchoa Leite emerge como pertencente a uma cepa incomum entre nós, a saber, a do poeta-crítico. Ou seja, também crítico e ensaísta, o poeta pode ser considerado por um veio analítico também nada comum entre nós – a não ser no acadêmico percurso da pós-graduação –, o que faz com que entendamos por que Costa Lima propõe nesse artigo fazer um “desvio”:

“Verificar pelo livro de 1995 [*Jogos e Enganos*] como as questões analíticas que arma ajudam a esclarecer a poética que produz. Ainda que indiretamente e nunca de modo automático, o desvio visa, pois, iluminar sua prática maior”.

Basicamente, sugere-se aqui levar em conta o perigo que pode haver para a atividade crítica quando se afasta “da natureza do objeto sobre o qual se exerce”. Sutilmente, é apontado um problema recorrente, a saber, a confiança nas distinções entre a crítica e a poética.

Com Dora Ribeiro em “Começar e o Fim” a questão se multiplica com a coragem peculiar de Costa Lima versando sobre os temores que pode haver no crítico quando das análises dos poetas já que:

“E o conceito, como já o sabia a *Poética* aristotélica, pode ser rimado, posto em versos, mas nunca será poesia. Por isso ainda a poesia do pensamento é, potencialmente, em si mesma, poesia da palavra abissal”.

Ou seja: ainda que possamos, no exercício crítico, nomeá-la “ambígua”, simplificamos o caminho. Na verdade, tentar clarificar o abstrato colocando os pingos nos is da poesia traz à tona o incômodo “de falar fora da descrição causalista, da experiência das coisas”.

Se as distinções entre a crítica e a poética são embaraçosas, podemos pensar, claro está para seus leitores, com o Costa Lima de *Mimesis: Desafio ao Pensamento* e reconsiderar, assim, a relação do papel das representações efetuadas pelo sujeito. O propósito não só ajuda a diminuir o divórcio

com o mundo, mas, no nosso caso específico, forma uma ponte que pode faltar entre o exercício da crítica e da poesia. *Mimesis*, nesse sentido, pode implicar uma experiência de vida: “O que, ao contrário, é fundamental no fenômeno da *mimesis* é a correspondência estabelecida entre uma obra particular – a cena segunda – e parâmetros que guiam o receptor”. Ou:

“A verossimilhança não é o resultado forçoso de alguma teoria. Independente do conhecimento ou da adesão a uma ou outra teoria, a verossimilhança continua a atuar. Ela é antes o efeito imediato da forma de classificação socializada. A sua matéria-prima é a mesma desta: os sentimentos de simpatia e hostilidade. Estes chegam à verossimilhança já internalizados pela classificação socializada. Seu horizonte imediato é, por isso, a *mimesis* passiva, sendo pois o verossímil o meio por excelência para a integração em comunidade de valores. Em vez de um fato teórico ou relacionado à atividade intelectual, a verossimilhança é um fato da existência”.

E enquanto críticos podemos reviver se, enfim, nos dermos conta de que somos também sujeitos quebrados dentro de uma tradição. Com a ajuda de Costa Lima, já sabemos que o juízo próprio a uma experiência estética é um juízo de reflexão, sendo que a crítica pode fazer as vezes da teoria: “Ou seja, a lucidez crítica não pode ser completa, sua objetividade é sempre questionável, pois lhe falta a base da certeza”.

Assim e enfim não há lugar definido para o crítico. Uma pena para quem não olha pela janela do escritório as linhas do horizonte. Um pavor para quem olha e não sabe o que fazer com ele:

“Sem lugar, o crítico é, portanto, ainda definido por sua tarefa interminável. Mas isso o deixa distante do profeta ou vidente ou, como é costume identificá-lo, da função de mediador – o que faz ver aquilo que não se via. Na verdade, o que ele faz ver se torna de fato visível quando os leitores que a ele se associam contribuem para tornar visível

o que era invisível. Ou seja, à medida que contribua para a constituição de uma outra verossimilhança. É próprio do verossímil tornar visível, i.e., admitir uma proximidade com a verdade que torna tal próximo visível”.

Não é tarefa fácil associar-se a Luiz Costa Lima. Mas também não é nada dificultoso. Para quem se compraz com o prazer de conhecer, Costa Lima é anfitrião essencial do lugar nenhum da crítica literária, lugar incerto de lugares. Interminável nas reflexões das e nas suas obras, onde pensar é caminho essencial, talvez seja o único – na crítica literária que se faz no país atualmente – nutrido por uma constante e prolífica necessidade e capacidade de retificação teórica

Embora em *Intervenções* haja somente um texto teórico, como salientamos anteriormente, reconhecemos aqui e ali, simultaneamente, a maturidade com que a sua postura crítica foi se formando ao longo das outras obras, sem que com isso queiramos dizer que tal processo é evolutivo ou que os artigos confabulem numa espécie de aplicação teórica dos seus estudos. Longe disso. Digamos, com a pena da galhofa, que é apenas a continuidade do seu pra lá de *work in progress*.

O que assusta, verdadeiramente, ao lermos Luiz Costa Lima é o quanto o nosso sistema educacional e letrado não nos deu formação básica filosófica o bastante para que o leiamos com certa dignidade por nós e pelo autor. O que consola é que Luiz Costa Lima possui consciência disso e, num vai-e-vem teórico, em cada obra restitui incessantemente a base teórica de suas análises.

É notório que encontramos produção de pensamento em cada livro do autor, além da abertura para compreendermos nomes que vimos, vez ou outra, em um texto ou outro em sala de aula, como Aristóteles, Platão, Hegel, Merleau-Ponty, Kant, Wittgenstein, Schlegel – apenas para citar alguns.

É simples classificá-lo como muito teórico quando não temos o exercício da reflexão e da disposição necessário para articular seus juízos sobre poética e crítica. Apa-

zigua também, nesse sentido, a terceira edição da *Teoria da Literatura em suas Fontes*, organizada pelo autor; recém-lançada, que apresenta um panorama da reflexão teórica desenvolvida no século XX sobre literatura.

Em sua maioria os artigos de *Intervenções* abrem sutilmente a tentativa de uma pequena trilha na reflexão sobre a crítica literária onde é viável pensar, sim, não somente o crítico, mas também o poeta como sujeito, figura fraturada. É nas exposições do que pensa e como pensa que Luiz Costa Lima nos mostra que possui consciência da sua fragilidade e da alheia. Não estamos nos referindo à tradição que exalta a intencionalidade do sujeito-autor, mas sim reconhecendo que “o sujeito fraturado e suas representações “irreais” estão presentes na produção da obra e há de ser considerados em sua recepção” (Lima, 2000, p. 156).

Nesse sentido, ao invés de postar-se como um crítico centralizador, encontramos um sujeito que se posiciona variavelmente com suas outras posições. Porque é fraturado, não possui posição a princípio definida, “senão a que assume, assim se identificando, no interior dos conflitos de interesse e na assimetria dos grupos sociais”, como adverte nos “Quatro Fragmentos em Forma de Prefácio” (Lima, 2000, p. 23). No artigo sobre “As Banhistas”, de Carlito Azevedo, Costa Lima destaca dois modos de uso da subjetividade, indispensáveis, claro, à condução do poema:

“Não se diz que visualidade e abstração partam da suposta morte do eu senão que assinalam sua presença em posição agora diversa – não mais figura para a qual as coisas convergem, mas sim parceiro, por certo, embora decisivo, em um mundo que ora é turvo, ora concha sonora. Ora caótico, ora enigmático. O eu, não mais entidade psicológica, voltado para exprimir o mundo que nele ecoava, mas instrumento sensível que transforma o que sente”.

Ou analisando *Sob a Noite Física*, também de Carlito Azevedo, no artigo “For-

mas da Metamorfose”: “A abstração não é empecilho para uma poética. Ao contrário, o movimento dessubjetivante é condição para uma poética que já não se contenta com a expressão dos estados emotivos do poeta”.

Já em “A Densa Devastação”, artigo em que analisa alguns dos poemas de Duda Machado que compoem *Crescente* (1990), parte do reconhecimento da fragilidade que constitui a força da lógica humana:

“O reconhecimento desta [a lógica humana] traz a possibilidade de retomar-se a via lírica, que tem sido confundida, talvez erroneamente, com o axioma do sujeito solar, de que seria a expressão privilegiada. Se isso for verdade, o abstracionismo que encontramos em Duda Machado, desde *Crescente*, assumirá uma nova vertente: um abstracionismo lírico, embora não idílico. Será isso possível? Para sabê-lo, teremos que apostar que o mundo ultrapassará a globalização do terror e, mais modestamente, que Duda Machado continuará sua poesia”.

A noção de sujeito fragmentado que se posiciona também está duplamente presente em “Sebastião Uchoa Leite em Prosa e Verso”, afetando a manifestação do poético:

“Ao sujeito em frangalhos corresponde a poesia randômica. Esta corresponde a raios só aparentemente desconexos. Ainda que estilhaçado, corroente e corroído pela ironia, o eu, por seu individualismo e inconformismo (que não se confundem!), permanece. Radicalizada, a tradição da negatividade se mantém e abre outra via: seja a de outro ponto de vista que não o do eu – como em “Agulha” – seja aquele que o eu não costuma usar – os outros vértices de sombra referidos em ‘Duas Sombras Reflexas’. Ao mesmo tempo, porém, se obstrei qualquer expansão lírica. Apesar da aleatoriedade que as filtra, o núcleo de que partem permite um desdobramento que talvez apenas se esboce. Somos demasiado contemporâneos para sabermos onde, no

poeta como no mundo, o processo do eu virá a dar”.

Despedaçados, pois, porque inteiros aos pedaços, não devemos confundir experiência estética com subjetivismo extremo, que é o mesmo que inferir “que qualquer coisa pode ser entendida por qualquer outra”. No único artigo teórico de *Intervenções* entendemos por que essa experiência se enlaça com a experiência crítica. Em se tratando de subjetividade crítica há um certo distanciamento do eu tanto no produtor como no receptor. É evidente, assim, a sutil fronteira que há entre o crítico e a poética:

“Sem se confundir com o poeta, o crítico atualiza uma dimensão da própria *poiesis*, a dimensão crítica. (Sem essa dimensão crítica, a oscilação entre som e sentido torna o poema um objeto gratuito e inconsequente.) Atualizar essa dimensão sem, por isso, ingressar em um gênero poético significa que o crítico não tem um lugar que seja seu [...]”.

O desprezo do homem moderno por coisas não pragmáticas, porém discursivas, como a poesia e a crítica, por exemplo, não justifica que elas não sejam reconhecidas. Justifica, conforme salienta Costa Lima, “a generalização da indigência mental”.

Uma lúcida noção de indigência mental talvez seja também um dos vértices de *Intervenções*, embora o autor afirme que nas quatro partes do livro há três tipos materiais de texto: a) inéditos, b) sensivelmente ou c) pouco modificados e que em sua variedade possuem um eixo articulador, isto é, como entende a atividade da crítica literária, coisa mais do que sabida por nós, “uma tarefa não normativa mas reflexiva, nada apodítica e sim argumentativa”.

Não nos esqueçamos de que, apesar de privilegiar textos que tratam de novos poetas e ficcionistas brasileiros que carecem de um maior reconhecimento, e havendo também espaço crítico para Machado, Nabuco, Euclides da Cunha, D. João de Oliveira Lima, Gilberto Freyre e José Guilherme Merquior, *Intervenções* possui uma

engenhosidade a mais: abre-se com “Aula”, texto lido quando Costa Lima assumiu em 1998 a posição de professor titular na PUC do Rio de Janeiro, e fecha-se com “A Indesejada das Gentes”, cuja primeira versão foi publicada no caderno “Idéias”, do *Jornal do Brasil*.

É claro que a sóbria escolha da ordem dos artigos afeta o trajeto da leitura em *Intervenções*, disposição, portanto, que revela não só o costumeiro cuidado do autor com seus leitores, mas também a seriedade com que exerce seu ofício, como se não houvesse distinção entre a sua atividade docente e sua atividade crítica.

Costa Lima é professor *tout court*. Se não fosse a sua extrema lucidez em concluir, após dedicar toda a sua vida adulta à universidade, que o exercício de atividade intelectual no Brasil é um ato de insânia, muitos de nós já teríamos desistido. Em meio a tantos naufrágios, ou, o que talvez seja pior, em meio a tantos nadares e mortes na praia, é possível voltar a respirar quando refletimos, porque “Aula” é testemunho do que significa ser intelectual neste país.

Estudando durante anos a obra de Lévi-Strauss, sem que o mesmo interesse se estendesse à chamada crítica estruturalista – o mesmo se repetiria com Freud, Weber e Kant –, Luiz Costa Lima relembra que:

“Embora logo tenha descoberto serem livros fluentemente repetidores os que, entre nós, vendem, circulam e se multiplicam, sempre preferi me dizer que a escrita só justifica as árvores derrubadas para a composição do papel, se ela se exerce sobre o fio da navalha, à beira do abismo, a um passo do êxtase nascido da extrema lucidez ou da vertigem; que a palavra escrita, no fundo, só se justifica quando não se acomoda aos clichês e idéias disseminadas e não se contenta com conclusões apressadas. Bem previa que assim me condenava a não ter uma vida fácil, que não atrairia muitos alunos, que não contaria com as benesses dos *pop stars*. Talvez em tudo isso tenha estado presente um certo gosto pela solidão. Ou pior: uma certa vaidade. A vaidade de um dia poder dizer-me: cheguei

ao meu limite; se não fui além, foi porque me cansei do monólogo ou porque me faltou maior talento”.

Outro ponto central em “Aula” é a reflexão sobre algo que muitos de nós não temos ainda força sequer para fazer quanto mais para solucionar ou coragem para aludir:

“Este algo se relaciona diretamente com não termos até hoje, em nosso país, o reconhecimento efetivo de uma carreira na qualidade de intelectual. De certo modo, continuamos a ser vistos como membros das famílias senhoriais, as quais se dão ao desprazer de se dedicarem a atividades de que não tiram seu ganha-pão. Não é pois a PUC a exclusiva responsável pelo que me parece recriminável. É sim a nossa sociedade. [...] O não reconhecimento da atividade intelectual pela sociedade brasileira significa, sem que ela tenha plena consciência disso, que ela apenas tolera sua *intelligentsia*, vendo-a como formada por criaturas incapazes de freqüentar passarelas mais lucrativas e, por isso mesmo, sendo meras filiais de matrizes estrangeiras. Dentro do mesmo fluxo de idéias que não se formulam claramente, o intelectual, de sua parte, partilha do mesmo solo: sua vaidade espantosa, muitas vezes ridícula, compensa o que pensaria de si mesmo (se ouzasse pensá-lo) ou de sua marginalidade”.

Doa a quem doar, é apontando o dedo para a sua ferida que Costa Lima nos fornece o emplastro que provoca o alívio:

“É a sociedade brasileira, como um todo, que continua sem saber o que fazer com seu intelectual; que o obriga a emigrar ou, mais freqüentemente, a se ajeitar como mais bem possa. Talvez assim suceda porque nossa sociedade, como é próprio das sociedades periféricas, continua insegura dos seus próprios valores, de sua própria capacidade de enfrentar os problemas que são seus. Por isso, também encara a sua universidade de modo suspeito, como se desconfiasse de que o que aí se ensina só será legítimo e

correto se for a corroboração do aceite por um centro estrangeiro de prestígio. Daí que, para as boas famílias, o ensino nacional sirva tao-só de trampolim para o salto da pós-graduação a ser feito, antes em Paris, hoje de preferência em alguma famosa universidade norte-americana”.

Talvez possamos falar com Luiz Costa Lima sobre a falta de sobriedade intelectual que o inquieta e amargura. Mas nao podemos deixar de dizer também que esta torna-se translúcida e irradia uma sóbria doçura. As claras considerações que ele faz, nao somente em “Aula”, mas também na nota introdutória de *Mimesis: Desafio ao Pensamento* ou em *Vida e Mimesis*, onde traça o que chama de “esboço de uma autobiografia intelectual”, é o suficiente para que saibamos que o que o autor apresenta quando se coloca como sujeito crítico “nao se confunde com o relato do que seria uma vida, em segredo preparada para o momento em que, de público, ante banca autorizada, encenasse seu romance familiar”.

Sabemos o que significa intervir quando se trata de Luiz Costa Lima, isto é, em se tratando de poética, “a verossimilhança independe de críticos e teóricos profissionais”. Ela se expande ou se consolida nas conversas comuns do cotidiano. É irônico e contraditório, mas “o teórico é aquele que pode introduzir a discrepância por argumentos que contrariam ou nao cabem no ritmo da conversa rotineira”. O êxito, se êxito vier, consiste em modificar o tom das futuras opinioes comuns. “Quando isso suceder, será oportuna a intervenção doutro discrepante” (Lima, 2000, p. 66)

O ocaso, em *Intervenções*, fica por conta do artigo “A Indesejada das Gentes”. Aqui, e por fim, trata-se do iniludível: o autor passa primeiro por Montaigne para depois chegar a Panovisky, Saxl e Klibansky que, por sua vez, analisaram a gravura “Melancolia I” de Dürer para, entao, pisando nos ovos de um tema como a morte, consoar uma reflexao derivada da última entrevista de Antônio Calado, onde Costa Lima aponta que “Calado se mostrava enfasiado da vida mesmo porque descrente do seu país”.

Nao é tao melancólica a melancolia quando se escreve com a força da sua tinta que:

“O melancólico nao é por força um nostálgico dos tempos passados, mas aquele que sente que o inevitável apenas se adia. Entre mim e o nada há apenas um aleatório intervalo. Se o melancólico nao se confunde com o desesperado é porque aprende a converter o inexorável em fonte de volúpia. O pensamento da morte se metamorfoseia. Estranha Afrodite, a morte escapa dos efeitos da paralisia e pânico para estimular uma espécie de erotismo. Essa sua transformação é equilibradora ou mesmo positiva. Ao passo que o terror da morte ou nos joga no frenesi da superatividade ou nos congela na depressao, o elo entre espera da morte e via melancólica estimula a própria atividade intelectual”.

*Intervenções* termina, pois, com cada coisa em seu lugar, ou, como diziam os outros letrados do século XVII: saber viver é saber morrer.

---

## BIBLIOGRAFIA

LIMA, Luiz Costa. *Vida e Mimesis*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mimesis: Desafio ao Pensamento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Intervenções*. São Paulo, Edusp, 2002.

---